

*MARY BALOGH*

*LIGEIRAMENTE  
ESCANDALOSA*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*ANA SOFIA PEREIRA*

ASA



## CAPÍTULO 1

Quando foi para a cama, Lady Freyja Bedwyn não podia estar mais mal-humorada. Dispensara a sua criada, embora uma pequena cama dobrável tivesse sido montada no seu quarto e a rapariga se tivesse estado a preparar para dormir lá. Mas Alice ressonava e Freyja não tinha a menor vontade de dormir com uma almofada sobre a cabeça e apertada contra as duas orelhas simplesmente para obedecer aos ditames do decoro.

– Mas Sua Senhoria deu-me instruções específicas, minha senhora – lembrou-lhe a rapariga, timidamente.

– Estás ao serviço de quem? – perguntou Freyja, num tom de voz imperioso. – Do duque de Bewcastle ou de Lady Freyja Bedwyn?

Alice olhou para ela ansiosa, como se suspeitasse de que se tratava de uma pergunta traiçoeira, e bem podia fazê-lo. Embora fosse a criada de Freyja, era o duque de Bewcastle, o irmão mais velho de Freyja, que pagava o seu salário. E este tinha-lhe dado, *de facto*, instruções para não sair do lado da sua senhora dia e noite durante a viagem de Grandmansion Park, no Leicestershire, até à sua residência temporária no The Circus em Bath. Não gostava que as suas irmãs viajassem sozinhas.

– Ao seu serviço, minha senhora – respondeu Alice.

– Então sai. – Freyja apontou para a porta.

Alice olhou para a porta com incerteza. – Não existe nenhuma fechadura, minha senhora – afirmou.

– E se houver intrusos durante a noite, és *tu* quem me vai proteger do mal? – perguntou Freyja desdenhosamente. – O mais provável era que as coisas se passassem ao contrário.

Alice exibiu uma expressão angustiada, mas não tinha outra escolha senão sair.

E foi dessa forma que Freyja se viu sozinha na posse de um quarto de segunda categoria numa estalagem de segunda categoria sem qualquer criado ao seu dispor e sem qualquer fechadura na porta. E na posse igualmente de um mau humor considerável.

Bath não era um destino que lhe inspirasse muito entusiasmo. Era uma estância termal excelente e em tempos atraía a nata da sociedade inglesa. Mas isso já não acontecia hoje em dia. Atualmente era um ponto de encontro refinado para idosos, doentes e para aqueles que não tinham um local melhor para ir, como ela. Aceitara um convite para passar um mês ou dois com Lady Holt-Barron e a sua filha Charlotte. Charlotte era uma amiga de Freyja, embora não fosse nem de perto nem de longe uma amiga muito próxima. Em circunstâncias normais, Freyja teria declinado educadamente o convite.

Aquelas não eram circunstâncias normais.

Acabara de partir do Leicestershire, de Grandmison Park, onde estivera de visita à sua avó, cuja saúde se mostrara frágil ultimamente, e onde tinha assistido ao casamento do seu irmão Ranulf com Judith Law. Deveria ter regressado a casa, Lindsey Hall, no Hampshire, com Wulfric, o duque, e Alleyne e Morgan, o seu irmão mais novo e irmã mais nova, respetivamente. Mas a ideia de estar lá naquele momento em particular revelara-se-lhe bastante intolerável e, sendo assim, tinha agarrado a única desculpa que se apresentara para *não* regressar logo a casa.

Era verdadeiramente vergonhoso ter medo de regressar à nossa própria casa. Freyja cerrou os dentes enquanto se deitava na cama

e apagava a vela. Não, não era *medo*. Ela não temia nada nem ninguém. Apenas não queria estar lá quando *aquilo* acontecesse, mais nada.

No ano passado, Wulfric e o conde de Redfield, o vizinho deles em Alvesley Park, tinham acordado um casamento entre Lady Freyja Bedwyn e Kit Butler, o visconde Ravensberg, filho do conde. Os dois conheciam-se desde sempre e tinham-se apaixonado arrebatadamente quatro anos antes, durante um verão, enquanto Kit estava em casa de licença do seu regimento colocado na península. Mas na altura Freyja estava praticamente prometida em casamento ao irmão mais velho dele, Jerome, e deixara-se persuadir a fazer o que a respeitabilidade e o dever ditavam: permitira que Wulfric anunciasse o seu noivado com Jerome. Kit regressara à península louco de fúria. Jerome morrera antes de as núpcias se poderem realizar.

A morte de Jerome fez de Kit o filho mais velho e herdeiro do conde de Redfield e, de súbito, um casamento entre ele e Freyja tornou-se conveniente e desejável. Ou pelo menos assim pensaram todos em ambas as famílias, incluindo Freyja.

Mas, aparentemente, *não* incluía Kit.

Não ocorrera a Freyja que ele pudesse estar decidido a vingar-se. Mas estava. Quando regressou a casa para aquilo que todos esperavam que fosse a celebração do noivado de ambos, trouxe uma noiva consigo, a mais-do-que-respeitável, mais-do-que-encantadora e mais-do-que-desinteressante Lauren Edgeworth. E depois de Freyja o ter desafiado temerariamente a levar o noivado adiante, casara-se com Lauren.

Agora, a nova Lady Ravensberg estava prestes a dar à luz o primeiro filho de ambos. Sendo uma esposa desinteressante e obediente, iria sem dúvida gerar um bebé do sexo masculino. O conde e a condessa ficariam felicíssimos. Todos os vizinhos iriam indubitavelmente irromper num júbilo frenético.

Freyja preferia não estar sequer nas imediações de Alvesley quando isso acontecesse, e Lindsey Hall ficava perto.

Daí aquela viagem para Bath e a perspectiva de ter de se distrair durante um mês ou mais.

Ela não correria as cortinas. Com a lua e as estrelas lá no cimo e a luz de numerosas candeias do pátio da estalagem lá em baixo, o quarto quase parecia inundado pela luz do dia. Mas Freyja não se levantou para fechar as cortinas. Em vez disso, puxou a roupa da cama para cima da cabeça.

Wulfric alugara uma carruagem privada para ela e contratara um autêntico desfile de cavaleiros corpulentos, todos com ordens rigorosas para a proteger de qualquer mal e outras inconveniências variadas. Levavam instruções quanto a onde deviam pernoitar, num estabelecimento superior adequado à filha de um duque, mesmo uma que viajava sozinha. Infelizmente, uma feira de outono na vila em questão havia atraído pessoas de todas as direções e não havia um único quarto disponível naquela estalagem em particular nem em nenhuma outra nas imediações. Tinham sido obrigados a seguir viagem e depois parar *ali*.

Os cavaleiros queriam revezar-se a guardar a porta do quarto dela, especialmente depois de saberem que não existiam fechaduras em nenhuma das portas. Freyja tinha-os feito desistir dessa ideia com uma firmeza que não permitira qualquer discussão. Não era prisioneira de ninguém e não iriam fazer com que se sentisse dessa forma. E agora Alice também se fora embora.

Freyja soltou um suspiro e preparou-se para dormir. A cama tinha alguns altos. A almofada era pior. Havia um barulho constante vindo do pátio lá em baixo e da estalagem à sua volta. Os cobertores não tapavam toda a luz. E ainda havia o dia de amanhã, durante o qual teria de enfrentar Bath. Tudo isto porque ir para casa se tornara praticamente uma impossibilidade. Poderia a vida ser ainda mais desoladora?

Num futuro próximo, pensou, mesmo antes de se deixar adormecer, teria de começar a olhar a sério para todos os cavalheiros que conhecia – e existiam muitos, apesar de ela ter agora vinte e cinco anos de idade e ter sido sempre feia – que fariam o que fosse preciso

se desse a entender que um casamento consigo era uma possibilidade. Ser solteira numa idade tão avançada não era uma situação propriamente alegre para uma senhora. O problema era que não estava completamente convencida de que estar casada fosse muito melhor. E seria demasiado tarde para descobrir que realmente não era esse o caso depois de se casar. O casamento era uma prisão perpétua, como os irmãos dela gostavam de afirmar, embora dois dos seus quatro irmãos tivessem aceitado livremente essa prisão nos últimos meses.

Freyja acordou sobressaltada algum tempo depois, quando a porta do quarto dela se abriu subitamente e depois se fechou de novo com um estalido audível. Não estava sequer segura de que não estivera a sonhar até olhar e ver um homem de pé junto à porta, vestido com uma camisa branca aberta no pescoço, calças e meias escuras, um casaco sobre um dos braços e um par de botas na outra mão.

Freyja saiu disparada da cama como se tivesse sido expelida de um canhão e apontou de forma imperiosa para a porta.

– Fora daqui! – exclamou.

O homem dirigiu-lhe um sorriso rasgado, bem visível à meia-luz do quarto.

– Não posso, querida – disse ele. – Essa direção é sinónima de desgraça certa. Tenho de sair pela janela ou esconder-me algures aqui dentro.

– *Fora daqui!* – Ela não baixou o braço, ou o queixo. – Eu não dou guarida a criminosos. Ou a qualquer outro tipo de criatura masculina. Lá para fora!

Algures no exterior do quarto ouviam-se os sons de um pequeno alvoroço sob a forma de vozes agitadas a falar ao mesmo tempo e passos, todos estes a aproximarem-se cada vez mais.

– Não sou nenhum criminoso, querida – disse o homem. – Sou simplesmente um homem inocente que se pode meter num sarilho muito grave se não desaparecer depressa. O armário está vazio?

As narinas de Freyja adejavam.

– Fora daqui! – ordenou mais uma vez.

Mas o homem cruzou o quarto a correr na direção do armário, abriu a porta com violência, viu que estava vazio e entrou lá para dentro.

– Ajude-me, querida – disse ele, mesmo antes de fechar a porta pelo lado de dentro –, e salve-me de um destino pior do que a morte.

Quase em simultâneo, ouviu-se uma pancada seca e forte na porta. Freyja não sabia se deveria marchar na direção da porta do quarto ou do armário. Mas essa decisão foi evitada quando a porta se abriu de rompante mais uma vez, revelando o estalajadeiro a segurar uma vela ao alto, um cavalheiro baixo, entroncado e grisalho e um indivíduo careca e corpulento que estava a precisar desesperadamente de fazer a barba.

– Fora daqui! – exigiu ela, completamente enfurecida. Trataria do homem que estava dentro do armário depois de tratar deste mais recente ultraje. *Ninguém* entrava sem ser convidado no quarto de Lady Freyja Bedwyn, quer esse quarto fosse em Lindsey Hall, na casa londrina dos Bedwyn ou numa estalagem reles com pretensões de requinte sem fechaduras nas portas.

– Peço-lhe perdão, senhora, por a incomodar – disse o cavalheiro grisalho, inchando o peito e inspecionando o quarto à luz da vela em vez de se concentrar em Freyja –, mas creio que um cavalheiro acabou de correr aqui para dentro.

Se ele tivesse esperado por uma resposta à pancada na porta e depois se lhe dirigisse com a deferência apropriada, Freyja podia ter denunciado o fugitivo dentro do armário sem quaisquer escrúpulos. Mas ele tinha cometido o erro de irromper pelo seu quarto e de a tratar como se ela não existisse senão para lhe fornecer informação e a sua presa. O indivíduo com a barba por fazer, por outro lado, não fizera mais nada *a não ser* olhar para ela, com uma expressão lúbrica pateta na cara. E o estalajadeiro estava a exhibir uma lamentável ausência de preocupação pela privacidade dos seus hóspedes.

– Acredita realmente que sim? – perguntou Freyja altivamente.  
– Está a *ver* o cavalheiro em questão? Se não, sugiro que feche a porta sem fazer barulho à saída e permita que eu e os outros hóspedes deste estabelecimento retomemos o nosso descanso.

– Se não se importar, senhora – disse o cavalheiro, fitando a janela fechada, a cama e depois o armário –, gostaria de revistar o quarto. Pela sua própria proteção, minha senhora. Ele é um patife perigoso e não é de modo nenhum seguro junto de senhoras.

– *Revistar o meu quarto?* – Freyja inspirou lentamente e observou-o do cimo do seu proeminente e ligeiramente adunco nariz Bedwyn com uma altivez gélida até ele finalmente olhar para ela e a ver pela primeira vez. – *Revistar o meu quarto?* – Ela voltou o olhar para o estalajadeiro silencioso, que se escondeu atrás da proteção da sua vela. – *É esta a hospitalidade da casa da qual se gabou com tão pomposa eloquência aquando da minha chegada, homem? O meu irmão, o duque de Bewcastle, irá saber disto. Ficaré sem dúvida interessado em saber que permitiu que outro hóspede, se é que este cavalheiro se *trata* sequer de um hóspede, batesse com violência na porta do quarto da irmã dele a meio da noite e entrasse de rompante sem esperar por resposta, meramente porque *acredita* que outro cavalheiro fugiu para aqui. E que o senhor ficou de braços cruzados, sem uma palavra de protesto, enquanto ele fazia a sugestão insolente e despropositada de ser autorizado a revistar o meu quarto.*

– Estávamos obviamente enganados, senhor – disse o estalajadeiro, meio escondido atrás do canto da porta, embora ainda estivesse a segurar a vela bem longe de si para iluminar o quarto. – Ele deve ter escapado por outro lado ou escondeu-se noutra lugar. Peço-lhe perdão, senhora, minha senhora, isto é. Permiti que isto acontecesse porque temia pela sua segurança, minha senhora, e achei que o duque iria querer que a protegesse a todo o custo de patifes perigosos.

– Fora daqui! – disse Freyja uma vez mais, com o braço imperiosamente esticado na direção da porta e dos três homens que lá se encontravam. – Fora deste quarto!

O cavalheiro grisalho lançou um último olhar ávido em torno do quarto, o bruto da barba por fazer lançou-lhe um último olhar lúbrico e depois o estalajadeiro inclinou-se à frente de ambos e puxou a porta, fechando-a.

Freyja ficou a olhar fixamente para ela, de narinas abertas, o braço e dedo ainda esticados. Como se *atrevia*? Nunca tinha sido tão insultada. Se o cavalheiro grisalho tivesse proferido mais uma palavra ou o indivíduo boçal lhe tivesse lançado mais um olhar lúbrico, teria marchado até eles e batido as cabeças de ambos uma contra a outra com força suficiente para os pôr a ver estrelas durante uma semana.

Era mais do que certo que não iria recomendar *aquele* estabelecimento a nenhum dos seus conhecidos.

Quase se esquecera do homem no armário até a porta se abrir com um rangido e ele sair lá de dentro. Era um jovem alto e de membros compridos, observou ela à luz generosa que vinha da janela. E bastante loiro. Provavelmente também tinha olhos azuis, embora a luz não fosse suficiente para lhe permitir verificar essa teoria. Todavia, conseguia ver a ponto de supor que era demasiado bem-parecido para o seu próprio bem. Ele exibia igualmente uma expressão alegre muito pouco apropriada.

– Foi uma atuação magnífica – declarou ele, pousando as botas altas no chão e atirando o casaco para cima da cama dobrável. – É *realmente* irmã do duque de Bewcastle?

Correndo o risco de parecer repetitiva, Freyja apontou para a porta de novo.

– Fora daqui! – ordenou ela.

Ele limitou-se a sorrir de orelha a orelha e deu um passo na sua direção.

– Na minha opinião, não – disse ele. – Por que motivo iria a irmã de um duque pernoitar neste estabelecimento muito pouco grandioso? E sem uma criada ou uma acompanhante para a guardar? Foi uma atuação maravilhosa, apesar disso.

– Posso viver sem a sua aprovação – disse ela com frieza. – Não sei o que fez de tão terrível. Não *quero* saber. Quero-o fora deste

quarto e quero que saia *agora*. Vá procurar outro lado onde se possa encolher de pavor.

– Pavor? – Ele riu-se e pousou uma mão sobre o coração.  
– Feriu-me os sentimentos, meu encanto.

Ele estava muito perto dela, suficientemente perto para Freyja se aperceber de que o cimo da sua cabeça mal chegava ao queixo dele. Mas fora sempre uma mulher baixa. Estava acostumada a governar o seu mundo abaixo do nível de grande parte da ação.

– Não sou a sua querida nem tão-pouco o seu encanto – disse-lhe ela. – Vou contar até três. *Um*.

– Com que propósito? – Ele colocou as mãos na cintura dela.  
– *Dois*.

Ele baixou a cabeça e beijou-a. Em cheio na boca, com os lábios ligeiramente afastados para que houvesse uma sensação chocante de intimidade quente e húmida.

Freyja inspirou bruscamente, levou um braço atrás e deu-lhe um soco com força no nariz.

– Ai! – disse ele, tateando o nariz cautelosamente e contraindo a boca. Retirou a outra mão da cintura dela e Freyja observou com satisfação que o tinha feito sangrar. – Ninguém lhe ensinou que uma senhora normal deveria esbofetear um homem nestas circunstâncias escandalosas e não dar-lhe um soco no nariz?

– Eu não sou uma mulher normal – disse-lhe ela severamente.

Ele exibiu mais um sorriso rasgado e tocou ao de leve no nariz com as costas de uma mão. – Fica adorável quando está zangada – disse ele.

– Fora daqui.

– Mas eu não posso fazer isso, sabe – disse ele. – Aquele avozi-nho e o seu capanga pugilista estarão à minha espera para me fazer uma emboscada e é tão certo que o meu destino seja um grilhão na perna quanto é eu estar aqui neste momento.

– Não quero saber dos pormenores sórdidos – disse ela, apercebendo-se nesse momento do porquê do seu aspeto descomposto. – E por que motivo haveria de me importar se eles estiverem *de facto* à espera para lhe fazer uma emboscada?

– Porque, querida – disse ele –, ver-me-iam a sair do seu quarto, tirariam as suas próprias conclusões ligeiramente escandalosas e a sua reputação sofreria um duro golpe.

– Não tenho dúvidas de que iria sobreviver ao choque – disse ela.

– Tenha pena de mim, ó formosa dama – disse ele, sorrindo-lhe de novo. Será que aquele homem não levava nada a sério? – Caí num velho truque. Estava um cavalheiro idoso e a sua neta, uma donzela extraordinariamente encantadora, na sala de estar lá em baixo sem nada que fazer para passar as horas do serão e estava lá eu, de igual modo ocupado, ou desocupado. Foi a coisa mais natural do mundo que eu e o avô jogássemos algumas partidas de cartas enquanto a dita donzela nos observava silenciosa e docemente, sempre na minha linha de visão. Depois de me ter retirado para ir dormir e ela ter vindo até ao meu quarto para oferecer um entretenimento adicional (suponho que terá reparado que não existem fechaduras nas portas?) deveria ter apontado virtuosamente para a porta e ordenado que saísse? Eu sou feito de carne e osso. No fim de contas, foi verdadeiramente uma sorte ainda estar de pé e meio vestido e o avô não ter esperado muito tempo antes de irromper pelo quarto, cheio de fúria moralista, com o estalajadeiro e o rufião de ar feroz na sua peugada como testemunhas. Também tive sorte que eles tivessem irrompido impetuosamente pelo quarto em bloco, deixando a porta sem guarda. Fiz uso da saída que me foi assim proporcionada, desapareci ao longo do corredor o mais depressa que pude e... abri a única porta que estava à minha disposição. Esta. – Indicou a porta do quarto dela com um gesto floreado do braço.

– Preparava-se para seduzir uma rapariga inocente? – O peito de Freyja inchou.

– Inocente? – Ele riu-se por entre os dentes. – Foi *ela* quem veio ter *comigo*, querida. Não que eu me tivesse mostrado de algum modo relutante, sinto-me obrigado a admitir. É um artifício que alguns homens usam para casar as suas filhas ou netas de modo vantajoso, compreende, ou pelo menos extorquir uma importância

considerável como forma de compensação pela virtude perdida. Ficam à espera para fazer emboscadas em locais como este até um pobre pateta como eu aparecer e depois entram em ação.

– Seria muito bem feito – disse ela severamente – se *tivesse* sido apanhado. Não sinto a menor compaixão por si.

E no entanto, pensou, aquele era exatamente o tipo de sarilho em que Alleyne se podia ver metido, ou Rannulf, antes do seu casamento recente com Judith.

– Vou ter de ficar aqui durante o resto da noite, receio eu – disse o desconhecido, olhando em volta. – Por acaso não está inclinada a partilhar a sua cama comigo?

Freyja brindou-o com o seu olhar mais frio e altivo, aquele que paralisava em segundos a maior parte dos comuns mortais.

– Não? – Ele fez de novo um sorriso rasgado. – Terá de ser a cama dobrável, nesse caso. Tentarei não rressonar. Espero que também não rressone.

– Vai sair deste quarto – disse-lhe ela – antes de eu contar até três, ou eu grito. Muito alto. *Um*.

– Não vai fazer isso, querida – disse ele. – Vai denunciar-se como mentirosa aos seus visitantes de há pouco.

– *Dois*.

– A não ser – disse ele com um riso abafado – que lhes explique que devo ter entrado no quarto em bicos de pés e me escondi no armário enquanto continuava a dormir e que depois fiz notar a minha presença assim que presumi que não houvesse perigo.

– *Três*.

Ele olhou para ela, arqueou várias vezes as sobrancelhas, e depois voltou-se com um desprendimento deliberado na direção da cama dobrável.

Freyja gritou.

– Céus, mulher – disse ele, erguendo uma mão como se a pretendesse fechar sobre a boca dela.

Mas deve ter sido óbvio para ele que isso seria o mesmo que colocar trancas na porta depois de a casa ter sido roubada. Freyja

possuía uma considerável capacidade pulmonar. Ela soltou um grito bem longo e alto sem ter de parar uma única vez para respirar.

O desconhecido agarrou no casaco e nas botas, precipitou-se na direção da janela, puxou para cima o caixilho com violência, pôs a cabeça de fora, atirou a roupa e o calçado lá para fora e a seguir desapareceu.

A queda até ao chão devia ser de pelo menos dez metros, calculou Freyja, sentindo um remorso momentâneo. Provavelmente, naquele momento, os seus restos mortais esmagados estavam espalhados pelo pátio lá em baixo.

A porta abriu-se com violência, revelando uma verdadeira multidão de pessoas nos mais variados estados do processo de vestir, com o estalajadeiro a aparecer por último ao lado do cavalheiro grisalho e do rufião de expressão lúbrica.

– Ele sempre invadiu o seu quarto, minha senhora? – perguntou o homem grisalho acima de um clamor de vozes que exigiam saber o que se passava e quem tinha sido assassinado na cama.

Mas ela desprezava o homem, quer pelos seus próprios motivos, quer pelos do desconhecido que ele tentara apanhar numa armadilha utilizando uma mulher, isto *se* acreditasse na história. Era igualmente provável que o desconhecido tivesse fugido com todos os valores do homem.

– Um rato! – gritou Freyja, a arfar e a agarrar o pescoço. – Um rato atravessou a minha cama a correr.

Houve um grande rebuliço enquanto algumas das senhoras presentes gritaram e olharam à sua volta à procura de cadeiras para onde pudessem subir e alguns homens se precipitaram para dentro do quarto para dar início a uma animada caça ao rato debaixo da cama, atrás do móvel onde estava o jarro com água, do armário, debaixo da cama dobrável e no meio das malas de Freyja.

Entretanto, Freyja foi obrigada a manter um papel que lhe era muito pouco familiar. Estremeceu e adotou uma expressão indefesa.

– Atrevo-me a dizer que deve ter sido um sonho, senhora, isto é, minha senhora – disse por fim o estalajadeiro. – Não é muito

frequente termos ratos dentro de casa. Os gatos mantêm-nos à distância. Se *foi* de facto um rato que viu, já desapareceu, sem sombra de dúvida.

Alice chegara no meio da comoção, os olhos arregalados de terror, imaginando provavelmente o que iria dizer ao duque de Bewcastle, ou, mais acertadamente, o que *ele* lhe diria a *ela*, se o pescoço da sua senhora tivesse sido cortado de lés a lés enquanto dormia noutro lugar que não o quarto onde deveria estar.

– A sua criada ficará consigo, minha senhora – disse o proprietário enquanto os outros hóspedes dispersavam, alguns indignados por terem sido tão rudemente despertados, outros claramente desapontados por não terem testemunhado um rato a ser apanhado e executado pela transgressão de ter atravessado a correr uma cama com um humano lá dentro.

– Sim. Obrigada. – Freyja achou que o tom da sua voz fora adequadamente patético.

– Vou dormir na cama dobrável, minha senhora – anunciou corajosamente Alice depois de todos se terem retirado e a porta ter sido fechada. – Eu não tenho *muito* medo de ratos, desde que eles não saiam do chão. Acorde-me se ele a incomodar de novo e eu afugento-o para longe. – Estava obviamente aterrorizada.

– Vais voltar para a tua cama, onde quer que ela esteja – disse-lhe Freyja. – Gostaria de *dormir* nas horas que restam da noite.

– Mas, minha senhora... – começou Alice a dizer.

– Achas que eu tenho medo de um *rato*? – inquiriu desdenhosamente Freyja.

A criada pareceu compreensivelmente confusa.

– Bom, não *achava* que tivesse – respondeu.

– Sai. – Freyja apontou para a porta. – E que esta seja a última interrupção que qualquer uma de nós sofre no resto da noite.

Assim que se viu sozinha, correu até à janela, pôs a cabeça de fora e olhou para baixo, com medo do que poderia ver. Ele era um tratante e um patife, e merecia o que lhe estava a acontecer. Mas

certamente que não merecia a morte. Não, sentiria pena, e até alguma culpa, se tivesse sido esse o seu destino.

Não havia qualquer sinal do desconhecido, das suas botas ou do seu casaco.

Foi nessa altura que reparou na hera espessa que crescia ao longo da parede.

Bom, fosse como fosse, era um alívio, pensou, fechando a janela e voltando-se para dentro. Talvez agora pudesse contar com algumas horas de sono pacífico.

Porém, parou subitamente antes de chegar à cama e olhou para baixo.

Toda aquela cena, ou conjunto de cenas, tinha sido desempenhada enquanto estava vestida apenas com a sua camisa de noite, de pés descalços e com o cabelo solto e num tufo volumoso de caracóis enredados ao longo das costas.

Deus do Céu!

E depois sorriu.

E depois soltou um riso abafado.

E depois sentou-se na beira da cama e riu em voz alta.

Que absurdo fora aquilo tudo!

Não se conseguia lembrar da última vez em que se divertira tanto.